

**Recebido:18/10/2024****Aprovado:08/11/2024****Avaliado pelo Sistema Double Blin Review**

## **POTENCIALIDADES SOCIAIS, CULTURAIS, ECONÔMICAS E AMBIENTAIS DO MUNICÍPIO RIO DO FOGO -ZONA COSTEIRA DO LITORAL SETENTRIONAL DO RIO GRANDE DO NORTE.**

## **SOCIAL, CULTURAL, ECONOMIC AND ENVIRONMENTAL POTENTIALS OF THE MUNICIPALITY RIO DO FOGO - COASTAL ZONE OF THE NORTHERN COAST OF RIO GRANDE DO NORTE**

**Kaleandson Soares de Lira****Email:** Kaleandsonsoares.alu.uern.br**ORCID:** 0009-0009-3657-4552**Antônio Jânio Fernandes****Email:** janiofernandes@uern.br**ORCID:** 0000-0002-9624-9278

### **RESUMO**

No litoral potiguar existem vinte e duas cidades e 70 comunidades costeiras. Desde a década de 1990 com a implantação do turismo de sol e mar o tríade desprezou inúmeras outras potencialidades locais. Com o aporte do materialismo histórico dialético e da pesquisa participante, o estudo objetivou identificar as potencialidades socioculturais, econômicas e ambientais que hegemonicamente o tríade exclui, a fim de implantar o turismo de base local comunitário.

**PALAVRAS-CHAVE:** Desenvolvimento local. Turismo de base comunitária.

### **ABSTRACT**

On the coast of Rio Grande do Norte there are twenty-two cities and 70 coastal communities. Since the 1990s, with the implementation of sun and sea tourism, the triad has neglected numerous other local potentialities. With the contribution of dialectical historical materialism and participatory research, the study aimed to identify the sociocultural, economic and environmental potential that the triad hegemonically excludes, in order to implement local community-based tourism.

**KEYWORDS:** Local development. Community-based tourism.

## 1. INTRODUÇÃO

O turismo enquanto atividade ou fenômeno social tem despertado o interesse dos mais diversos segmentos sociais nas mais diversas espacialidades a medida que se justifica como mecanismo de desenvolvimento socioeconômico, com aproveitamento das diversidades socioculturais, econômicas e ambientais. Porém, a forma hegemônica de aplicá-lo tem promovido um modelo de desenvolvimento que despreza as potencialidades locais ou as atribui formas exógenas, fetichizadas e estandardizadas (OURIQUES, 2005), segrega ou inserem populações de forma secundária no processo de desenvolvimento. A perspectiva epistemologicamente de propor uma abordagem sobre potencialidades que resulte do protagonismo das comunidades e assegure desenvolvimento de base local comunitário resulta de 20 anos de atuação na área quando se observa “in-loco” as 24 cidades litorâneas do Rio Grande do Norte, com mais de 60 comunidades costeiras.

Nesse percurso metodológico com auxílio de um questionário indicativo das diversas dimensões possíveis em cada categoria de análise proposta, buscou-se nas comunidades identificar práxis que permeiam as identidades locais a fim de se propor um modelo de desenvolvimento local de base endógena. Estas áreas, apesar de desenvolverem o turismo de sol e mar, dispõem de outras condicionantes socioambientais, socioculturais e econômicas que se aplicadas as metodologias do desenvolvimento de base local comunitário e sustentável podem propiciar melhoria nos índices de desenvolvimento humano destas populações. A biodiversidade da fauna, da flora, de relevos, da geomorfologia que criam paisagens únicas, associadas às práticas antrópicas de comunidades tradicionais têm passado despercebidas como potenciais a serem utilizados como estratégia de desenvolvimento local.

Santos (2008) nos afirma que são tão comuns os mecanismos que hegemonicamente transforma as espacialidades em mercadorias globais, pensadas fora, distante dos contextos locais, que desprezam os conhecimentos endógenos que gestores públicos, o tríade turístico passam a justificar como única forma de se propor o desenvolvimento destes a sua desterritorialização. A perspectiva de inserir nesses contextos as metodologias de DBLS (Desenvolvimento de Base local sustentável) como proposta alternativa metodológica como sugere Paula (2008) e Silva (2013) se justifica pelo protagonismo que ainda persiste nas atividades cotidianas do modo de vida local e pelo potencial sociopolítico, cultural, ambiental que estas espacialidades/comunidades ainda possuem, dado à atividade/indústria do turismo não ter conseguido se impor e/ou absorver nas suas redes e nichos de mercado a diversidade das subjetividades locais cotidianas.

Nesse contexto, a abordagem que se explicitou sobre o município de Rio do Fogo nos resultados e discussões, a partir das dimensões investigadas apontam ainda para existência de práticas endógenas. Quanto ao mapeamento detalhado das potencialidades locais que justifica os objetivos desta pesquisa ocorreram significativas dificuldades dado o desconhecimento dos próprios moradores. Nas rodas de conversa e oficinas realizadas, tornou-se perceptível a necessidade de uma ação mais permanente de cunho didático pedagógico.

Com este propósito se objetiva identificar as potencialidades locais dos municípios nesta área de estudo de forma a promover e incentivar o conhecimento e usos diversos destes recursos através da aplicação das metodologias de desenvolvimento local de base. Os passos sequenciais ocorrem através da pesquisa de campo com a identificação e mapeamento das potencialidades locais, bem como busca-se captar com as rodas de conversas e formação aspectos dos discursos dos moradores locais. Como objetivo final aplica-se oficinas de incentivo, criação e produção de usos diversificados a partir das subjetividades e identidades locais.

## **2. PROCEDIMENTOS E MÉTODOS**

Uma pesquisa científica deve ser um processo de investigação sistemático que envolva o pesquisador e o pesquisado na busca de um conhecimento que possibilite desvendar, esclarecer, de forma multi e transdisciplinar uma dada realidade-objeto de estudo, o mais abrangente possível. Principalmente quando dados estudos envolvem comunidades com múltiplas subjetividades individuais e coletivas, resultado de dinâmicas sociais onde, as relações entre fixos e fluxos, nos últimos dez anos vem sendo submetidas a estratégias descontínuas e voláteis que interferem nas territorialidades locais para atender interesses exógenos de um mercado financeiro global. A rigor, a escolha da metodologia é sempre algo arbitrário que se vincula aos pressupostos teóricos filosóficos do pesquisador e da compreensão de qual ferramenta responde aos objetivos da pesquisa.

Neste sentido, dada a referida pesquisa que tem como referência espacial o município de Rio do Fogo, com sua população distribuídas em quatro comunidades: Rio do Fogo, Zumbi, Barra de Punaú e Pititinga, este projeto ao se fundamentar filosoficamente pelo materialismo histórico dialético se utilizará da pesquisa participante /pesquisa ação por considerar ser a mais viável como forma de desvendar a historicidade, a subjetividade destas populações/comunidades. Que apesar de comporem uma mesma região administrativa, produzem peculiaridades dada às relações socioambientais produtivas e socioculturais políticas. A pesquisa participante/pesquisa ação como modalidade de pesquisa traz como premissa norteadora a inserção social da

investigação científica, visando o engajamento no processo de transformação das estruturas sociais (DEMO, 2008).

Para Gil (2012), a pesquisa-ação e a pesquisa participante caracterizam-se pelo envolvimento do pesquisador e pesquisado. Onde o relacionamento entre pesquisador e pesquisado não ocorre como mera observação pois ambos acabam identificando-se quanto aos objetivos que são sujeitos sociais também. Sobretudo quando a escrita sobre a história do lugar está ainda para ser escrita, e onde a oralidade do autóctone guarda a história, a geografia, a cultura, a política, a economia do lugar, e sobretudo as relações cotidianas dos sujeitos com sua espacialidade.

A escolha deste método como estratégia central desta pesquisa dá-se por ser “um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos do modo operativo ou participativo (Thiollent, 2011, p. 14)”.

Quanto a abordagem, dada a diversidade de inter-relações que a pesquisa se propõe a provocar como estratégias de envolver o protagonismo local, somente a abordagem qualitativa permite absorver a riqueza das oralidades e subjetividades locais através da pesquisa de campo como estratégia que possibilita vivenciar nas quatro territorialidades/comunidades em estudo: Rio do fogo, Zumbi, Barra de Punaú e Pititinga a descrição, averiguação e constatação das potencialidades. A definição da abordagem qualitativa neste projeto de pesquisa ocorre porque ela estuda os aspectos subjetivos de fenômenos sociais e do comportamento humano que ocorrem em determinado tempo, local e cultura (CHIZZOTTI, 2006).

Outra reflexão pertinente se vincula a própria proposição filosófica do projeto que colocou como objetivo central a tentativa de explicitar de forma participativa e compreensiva os aspectos teóricos e contextuais que envolvem a perspectiva do Desenvolvimento local de base comunitária como estratégia para melhorias dos índices de desenvolvimento humano, com sustentabilidade e sobre tudo com um protagonismo local.

Foram também utilizadas as ferramentas de entrevistas, questionários como estratégias pontuais e direcionadas quando se percebe a necessidade de exercer de forma didática para a aquisição de dados relevantes para a pesquisa.

### **3. DESENVOLVIMENTO**

A percepção da sociedade civil, a da gestão municipal e parte de agentes turísticos identificada nesta abordagem situa a condição do município de Rio do Fogo em relação ao turismo. Como a maioria dos municípios situados no litoral setentrional do Rio Grande do Norte, integrantes

ou não da região turística denominada Polo Costa das Dunas, apesar de citarem como principal fonte de receitas e geração de emprego e renda oriunda da atividade turística, os dados do censo IBGE 2022 apontam ainda a prevalência do papel da administração pública na produção do PIB local, onde 43,5% advém desta rubrica. Apenas 20,2% correspondem aos serviços, bem próximo dos 18,6% da agropecuária e dos 17,7% da indústria. Contudo, ao se pensar o turismo convencionam-se as reflexões sobre suas dinâmicas e imbricações sobre as realidades dos destinos. E as possibilidades que derivam dos “entre-laços da atividade turística com as práxis cotidianas locais.

Todavia, como aporte de observações nesta pesquisa indica-se dificuldades dos agentes locais de Rio do Fogo (poder público, sociedade civil, tríade) em perceber a possibilidade de intervir com práxis alternativas resultado das produções endógenas locais, dentre tantas as de labirinto, rendeiras, bordadeiras. Bem como o aproveitamento completo das cultivares que ocupam mais de 60% da área territorial do município com frutíferas (banana, manga, coco, melancia, abacate, castanha de caju), além do milho e da mandioca. Observando-se esta realidade a destacasse no discurso dos três segmentos estudados o desconhecimento do uso de fibras naturais (do coco, da bananeira, da palha do milho) na produção de utensílios decorativos, de acessórios pessoais (como biojoias), de uso artesanais e industriais.

No tocante aos aspectos sócio artísticos e culturais há uma total desvalorização das práticas locais relativas às artes cênicas (dança, teatro), artes plásticas (pintura, ceramistas, escultores, artesanato), culinária local. Resume-se quase tudo que se produz a “souvinização” (OURIQUES, 2005).

Assim, pode-se atribuir neste contexto a ideia de “não lugares” (AUGE, 2012) como espaços não indenitários, não históricos e não relacionais, um espaço de passagem incapaz de dar forma a qualquer identidade, diametralmente oposto ao lar, à residência, ao espaço personalizado, ao cotidiano pitoresco destas comunidades. Os espaços se tornam objeto de consumo, histórico, produzidos como objetivação única de aplicação rentável, de gerar capital financeiro. Nesta estratégia, os espaços são componentes essenciais na incessante multiplicação como objetos de consumo que caracterizam a sociedade contemporânea (BOUDRILLARD, 2019).

Partindo deste pressuposto surgidos nos diálogos com a comunidade torna-se fundamental pensar uma ação da academia nestes territórios que produza o engajamento no processo de transformação das estruturas sociais (DEMO, 2008) Mielke (2010) e kuenze (2005) apontam em abordagens diferentes a mesma perspectiva no sentido da importância de um processo educacional como forma de resistência. E busque implementar estratégias de promoção do desenvolvimento local que respondam às necessidades e objetivos de grupos que se organizam

em ações locais (CENTRO.PORTUGAL,2020). Visando promover, em territórios específicos, o desenvolvimento local e a diversificação das economias de base rural e de zonas pesqueiras e costeiras, como afirma o Boletim Centro 2020 da União Europeia.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cidadania não ocorre por um processo espontâneo, bem como o protagonismo se não resultar de práxis transformadoras coletivas nada mudará os índices de desenvolvimento humano apesar do crescimento econômico. O turismo enquanto fenômeno também assumido pela cátedra, apesar de não se constituir numa ciência deve ser uma epistemologia que envolva a dinamicidade dos protagonismos, inerente a contextos de profundas imbricações socioeconômicas, culturais e ambientais nas mais diversas especialidades, num mundo onde os fixos e os fluxos assumem estéticas standardizadas e fluidas de acordo com as relações de poderes globais-locais (BRANDÃO, 2012). A percepção sobre o cotidiano de pequenos aglomerados urbanos inseridos nas dinâmicas turísticas nos retoma a necessária reflexão com base em Santos (2008) onde as comunidades são transformadas em mercadorias globais, mas que também nos permitem observar forças e oportunidades endógenas ou micropoderes como sugere Foucault (2021).

O campo teórico metodológico filosófico, no entanto, deve ser a ferramenta a indicar o caráter a qual segue-se o modelo de desenvolvimento que se adequa no momento atual a enfrentar a crise socioambiental climática posta, onde a acumulação de capital, resultado também da atividade turística acirra as desigualdades locais, gera paradoxos, produzindo uma pseudo inclusão excludente onde as populações locais são subalternizadas as escalas de serviços temporários e laborais.

O resgate, o envolvimento para o despertar do protagonismo coletivo impõe-se como devir necessário, contemplado pela retomada de uma ação de base local comunitária onde a ideia de pertencimento se funda no conhecimento, na apropriação dos saberes, fazeres como expressão da identidade coletiva.

## REFERÊNCIA

AUGE, Marc. Não lugares: **introdução a uma antropologia da sobre modernidade**. Letra livre: Campo Grande/MS, 2012.

BARTHOLO, Roberto; SANSOLO, Davis Gruber; BURSZTYN, Ivan. **Turismo de base comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras**. Letras & imagens: Rio de Janeiro, 2009.

BAUDRILLARD, Jean; **O sistema dos objetos**. Perspectiva: São Paulo, 2019

BONINI, Luci Mendes de Melo; SARTORELLO, Ricardo; SCABBIA, Renata Jimenez de Almeida (Orgs). **Dinâmicas sociais e desenvolvimento local**. Curitiba: CRV, 2017.

BOLETIM CENTRO 2020 <http://www.centro.portugal2020.pt/index.php/documentos-gerais-2>

BRANDÃO, Carlos. **Território e Desenvolvimento: as Múltiplas Escalas Entre o Local e o Global**. Campinas/SP: Editora da Unicamp. 2012.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis-RJ: Vozes. 2006.

DEMO, Pedro. **Pesquisa participante: saber pensar e intervir juntos**. 2. ed. Brasília: Líber Livro Editora, 2008.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder. Tradução e Organização de Roberto Machado**. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

FOUCAULT, M. **O sujeito e o poder**. In: RABINOW, P.; DREYFUSS, H. Michel **Foucault: uma trajetória filosófica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

SAVIANI, D.; SANFELICE, J.L.; LOMBARDI, J.C. (Org.). **Capitalismo, trabalho e educação** 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2005. p. 77-96.

MIELKE, Eduardo Jorge Costa. **Desenvolvimento Turístico de Base Comunitária**. Alinea: Campinas/SP, 2010.

MOURÃO, Roberto M.F. Instituto EcoBrasil. **Manual Caiçara de Ecoturismo de Base Comunitária**. <https://www.icmbio.gov.br/cairucu/images/stories/downloads/manual-ecoturismo-comunitaria.pdf>

PAULA, Juarez de. **Desenvolvimento Local Como fazer?** Brasília: SEBRAE, 2008.  
RUSCHMANN, Doris. **Turismo e planejamento sustentável: A proteção do meio ambiente**. São Paulo: Papirus, 2016

SILVA, Francisca de Paula Santos da. **Turismo de Base Comunitária e Cooperativismo**. Eduneb: Salvador/Ba, 2013.

THIOLLENT, Michel. (2011). **Metodologia da Pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2011